

**AS HISTÓRIAS DE VIDA NA PROFISSÃO DOCENTE: UMA
CONTRIBUIÇÃO PARA A HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO,
ITINERÂNCIAS FORMATIVAS E O AUTOCONHECIMENTO**

***THE APPROACH TO LIFE STORIES IN THE TEACHING
PROFESSION: A CONTRIBUTION TO THE HISTORY OF
EDUCATION, ITINERANCIES TRAINING AND SELF-
KNOWLEDGE***

***HISTORIAS DE VIDA EN LA PROFESIÓN DOCENTE: UNA
CONTRIBUCIÓN PARA LA HISTORIA DE LA EDUCACIÓN,
ITINERANCIAS FORMATIVAS Y AUTO-CONOCIMIENTO***

Liane Cristina Figueredo Soares^I

Cecília Maria de Alencar Menezes^{II}

Jane Luci Ornelas Freire^{III}

^IInstituto Superior de Educação Ocidemnte, Bahia – Brasil. E-mail: lianesoares1@gmail.com

^{II}Instituto Superior de Educação Ocidemnte, Bahia – Brasil. E-mail: cecimenezes@yahoo.com.br

^{III}Instituto Superior de Educação Ocidemnte, Bahia – Brasil. E-mail: janefreire.edu@gmail.com



Educação: Teoria e Prática, Rio Claro, SP, Brasil - eISSN: 1981-8106

Está licenciada sob [Licença Creative Common](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/)

Resumo

A crescente abordagem ao método (auto)biográfico, ou histórias de vida, se deve ao surgimento do interesse pela subjetividade inerente ao exercício da função de professor. Portanto, no que tange à trajetória formativa, a variedade de estudos e de publicações sobre a vida dos professores e as trajetórias de formação, com base na utilização de biografias, revela-se de importante valor, pois favorece recolocar os professores como tema central do debate sobre as pesquisas educacionais. Através da metodologia de pesquisa bibliográfica, o presente artigo suscita a seguinte reflexão: qual é, efetivamente, a importância da abordagem das histórias de vida para a formação de professores e para as pesquisas em história da educação? Busca-se, portanto, discutir essa questão apontando que o uso da abordagem das histórias de vida como metodologia privilegia a coleta de informações contidas na vida pessoal, não se tratando de mera descrição de fatos, mas um esforço de reconstrução da memória, atribuindo novos sentidos. E, por fim, constatar que não é possível falar de educação sem aprofundar questões relativas aos sujeitos desse processo, que a fizeram e pensaram, bem como a realidade educacional que viveram, e, assim, contribuir de modo significativo com pesquisas no âmbito da educação. Quem a fez e a pensou, a realidade educacional que eles viveram, e assim, contribuir de modo significativo para pesquisas em educação.

Palavras-chave: Método (auto)biográfico. Histórias de vida. Educação. Formação docente. Educador.

Abstract

The increasing approach to the autobiographic method or life stories is due to the rise of interest in the subjectivity inherent in the exercise of the teaching role. Therefore, on the formative path, the variety of studies and publications on the lives of teachers and their training paths based on the use of biographies, proves to be of important value, since it favors replacing teachers as a central topic of the debate on educational research. Through bibliographical research methodology, this article raises the following reflection: What is, in fact, the importance of approaching the life stories for the teacher education and the studies in the history of education? One aim, therefore, to discuss this issue pointing out that the use of the approach of the life stories as methodology seeks to prioritize the gathering of information contained in personal life, not a mere fact description but a memory building effort, attributing new meanings. Noting that it is not possible to discuss education without

delving into issues related to the subjects of this process, subjects who made it and thought about it, the educational reality they lived, and thus contribute significantly to education research.

Keywords: *Autobiographic method. Life stories. Education. Teaching education. Educator.*

Resumen

El creciente abordaje al método (auto)biográfico, o historias de vida, se debe al surgimiento del interés por la subjetividad inherente al ejercicio de la función de profesor. Por lo tanto, en lo que respecta a la trayectoria formativa, la variedad de estudios y publicaciones sobre la vida de los profesores y las trayectorias de formación, con base en la utilización de biografías, se revela de importante valor, pues favorece recolocar a los profesores como tema central del debate sobre las investigaciones educacionales. A través de la metodología de investigación bibliográfica, el presente artículo suscita la siguiente reflexión: ¿Cuál es, efectivamente, la importancia del abordaje de las historias de vida para la formación de profesores y para las investigaciones en historia de la educación? Se procura, por lo tanto, discutir esa cuestión apuntando que el uso del abordaje de las historias de vida como metodología evidencia privilegiar la recolección de informaciones contenidas en la vida personal, no tratándose de una mera descripción de hechos, sino de un esfuerzo de reconstrucción de la memoria, atribuyendo nuevos sentidos. Constatamos que no es posible hablar de la educación sin profundizar cuestiones relativas a los sujetos de ese proceso, a quién la hizo y la pensó, la realidad educacional que vivieron, y así, contribuir de modo significativo para las investigaciones en educación.

Palabras clave: *Método (auto)biográfico. Historias de vida. Educación. Formación docente. Educador.*

1 Introdução

A crescente ênfase que vem sendo dada ao método (auto)biográfico, ou histórias de vida, se deve ao surgimento do interesse pela subjetividade inerente ao exercício de cada função. Notadamente, observa-se muita literatura no que tange à formação de professores e assuntos correlatos à educação, mas, ainda é um desafio estudar sobre a *pessoa do professor*.

No entanto, no que tange à formação de professores, a variedade de estudos e de publicações sobre carreiras e trajetórias de formação, com base na utilização de autobiografias, revela-se como de importante valor, “[...] pois potencializa recolocar os professores como cerne do debate sobre as pesquisas educacionais” (SOUZA, 2003, p. 32).

Esse estudo visa demonstrar a importância da abordagem das histórias de vida para a formação de professores e para as pesquisas em história da educação, pois, conforme o entendimento de Rubem Alves (2000), o educador “[...] é o fundador de mundos, mediador de esperanças, pastor de projetos”. E, portanto, não é possível falar de educação, quem a fez e a pensou, sem aprofundar questões relativas aos sujeitos desse processo, a realidade educacional que eles viveram e, assim, contribuir de modo significativo para pesquisas em educação.

Pensando dessa forma, emergem questões que perpassam pela compreensão do processo de construção identitária dos educadores, que articulam as dimensões pessoal, profissional e individual em um dado tempo/espço histórico, as suas concepções de gênero que balizaram e sustentaram sua formação. Isso inclui questões mais aprofundadas como as lembranças que possuem em relação ao seu percurso de formação e ingresso na profissão, assim como, perceber como são elaboradas as imagens, representações e memória sobre o percurso pessoal/profissional nesses períodos.

Busca-se evidenciar a abordagem das histórias de vida como metodologia, privilegiando a coleta de informações do contexto, não se tratando de mera descrição ou arrumação de fatos, mas um esforço de reconstrução da memória, vivendo novamente, atribuindo novos sentidos.

Afinal, lembrar é reviver dando novas significações, releituras. É como fazer “um rascunho de si”, um resgate, que proporciona emoção, envolvimento, redescobertas, razões para algumas situações não entendidas ou até então não explicadas, enfim, uma releitura da própria vida.

Nessa releitura está implicada a noção de que escrever sobre a vida é deixá-la sobreviver ao tempo e à própria morte, uma vez que impede o esquecimento, deixando o registro de um caminho delineado, vivido, experienciado. As histórias de vida e o método (auto)biográfico integram-se no movimento atual que procura repensar as questões da formação, acentuando a ideia que “[...] ninguém forma ninguém” (NÓVOA, 1988, p. 116) e que a formação é inevitavelmente um trabalho de reflexão sobre os percursos de vida.

Pesquisar sobre história de vida representa um ato desafiador e instigante. Ao investigar, resgatar, analisar documentos e narrativas, sistematizar e registrar vivências e trajetórias de uma pessoa ou de um grupo de pessoas em suas individualidades e subjetividades busca-se compreender o singular/plural (JOSSO, 2006) e um conjunto de experiências centradas no conhecimento pedagógico e escolar das aprendizagens experienciais e da formação construídas ao longo da vida.

Neste artigo pretende-se por em evidência um conjunto de reflexões a respeito do uso e da importância da abordagem (auto)biográfica, do ponto de vista da história individual/coletiva, delineando as razões vinculadas à escolha da mesma com ênfase nas histórias de vida, com relatos orais e/ou escritos, como procedimento e prática de investigação-formação em educação.

2 Entrelinhas da profissão docente

Os percursos de vida são ativados pela memória, que é a própria vida e está em evolução permanente, aberta à dialética da lembrança e do esquecimento. Dentro dessa perspectiva, ela deve ser analisada não apenas como uma fonte de pesquisa, mas também, conforme Fávero e Brito (2003, p. 115) “[...] como um objeto de estudos, para permitir traçar um esboço da história pessoal e profissional”.

Cumprido salientar que é a memória que traz à tona essas histórias que dão vida ao passado e apesar de ser repleta de lacunas e esquecimentos, permite reavivar as experiências e contar a história individual e de determinado contexto. Souza (2007, p. 4) afirma que:

[...] relação entre memória e esquecimento revela sentidos sobre o dito e não-dito nas histórias individuais e coletivas dos sujeitos, marca dimensões formativas entre experiências vividas e lembranças que constituem identidades e subjetividades, potencializando apreensões sobre as itinerâncias e as práticas formativas.[...]

O não-dito vincula-se às recordações e não significa, necessariamente, o esquecimento de um conteúdo ou uma experiência. Portanto, para compreender o presente faz-se necessário pesquisar sobre o percurso vivido, identificar, analisar e conhecer as interações feitas.

De acordo com Finger (1988, p. 81), “[...] o uso das histórias de vida surge como resultado de considerações epistemológicas e teóricas e na perspectiva de pôr em prática

processos de tomada de consciência”, ou seja, processos que são considerados formadores para os adultos. Esse termo valoriza uma compreensão que se desenrola no interior da pessoa, sobretudo em relação a vivências e a experiências que tiveram lugar no decurso da sua própria história.

Esse método apresenta-se como um dos caminhos para que os futuros professores identifiquem, em seus processos de formação, as raízes nas quais se aninha o ”sentido do sentido” do ”si mesmo” e da profissão que irão exercer. Não obstante, essa descoberta contribui para que, no exercício da profissão, o professor possibilite, também, aos seus alunos, encontrarem o ”sentido do sentido” do próprio existir. No entendimento de Ferraroti (1988, p. 93):

As histórias de vida são, freqüentemente, uma tentativa para reconstituir a carreira dos indivíduos, enfatizando o papel das organizações, acontecimentos marcantes e outras pessoas com influências significativas comprovadas na moldagem das definições de si próprios e das suas perspectivas sobre a vida.

Frente a isso, considerar o contexto dos professores em formação, as dificuldades que encontram na busca do significado interior das próprias aprendizagens, deve ser uma preocupação constante do processo de formação inicial.

A releitura da “vida vivida” permite apropriar-se do movimento constitutivo do ser, representativo dos sucessos e insucessos, das angústias, dos medos, das ousadias que, muitas vezes, permanecem aninhadas no interior do ser, sufocando-o. Thompson (1998, p. 198), afirma que “[...] recordar a própria vida é fundamental para nosso sentimento de identidade, continuar lidando com essa lembrança pode fortalecer ou recapturar a autoconfiança”.

Nas histórias de vida os tempos se confundem, e os sujeitos em formação têm a oportunidade de conhecer e analisar determinadas situações vividas, compreender as influências sociais, econômicas, políticas, religiosas, culturais e educacionais presentes na processualidade da própria existência.

O diálogo entre diferentes tempos e espaços, entre o individual e o sócio-cultural, permite identificar as influências, as continuidades e descontinuidades presentes nos diferentes espaços de formação, como também na identidade pessoal e profissional que vai se

desenhando. E vem daí a importância do uso das histórias de vida: ela oportuniza uma interpretação pessoal do percurso vivido.

Constata-se, assim, que analisando o percurso, no sentido de revelar a si próprio, o profissional que nos habita e que desejamos ser, é possível conhecer a própria historicidade e dar sentido às próprias experiências vividas. Conforme argumenta Finger (1988, p. 24):

O saber da formação provém da própria reflexão daqueles que se formam. [...] a análise dos processos de formação, entendidos numa perspectiva de aprendizagem e mudança, não se pode fazer sem uma referência explícita ao modo como um adulto viveu as situações concretas do seu percurso educativo.

Ranghetti (2005, p.63) argumenta que o método autobiográfico nos permite investigar como nossa objetividade e subjetividade são formadas. Por isso, esse método “[...] permite focalizar o concreto, o singular, o situacional, o histórico na nossa vida. [...] Tem objetivo libertador, emancipador [...] contribui para a transformação do próprio eu”.

O espaço reservado à formação facilita, no dizer de Ranghetti (2005), o “sentido do sentido” do existir. E a partir desses encontros é que a pessoa vai se desenvolvendo; o que permite a descoberta do significado da vida humana, o que ela exige para se desenvolver e a dignidade que o ser humano pode adquirir. Neste campo há o espaço de vivência, de pesquisa, de desenvolvimento pessoal e profissional, no qual as dimensões espirituais, físicas, emocionais, afetivas, intelectivas, cognitivas são desenvolvidas com a mesma intensidade.

É como um arquivo da própria vida, e conforme Artières, (1998, p. 31), “arquivar a própria vida é simbolicamente reunir as peças necessárias para a própria defesa, organizá-las para refutar a representação que os outros têm de nós”. Nesse sentido, arquivar a própria história permite a revelação de sucessos e dissabores da profissão, alimentando a história da educação e retirando do anonimato os atores do processo. E como nos diz o referido autor, “arquivar é pôr no espelho, é contrapor à imagem social a imagem íntima de si próprio, e nesse sentido o arquivamento do eu é uma prática de construção de si mesma e de resistência” (ARTIÈRES, 1998, p. 11).

A utilização das histórias de vida como suporte para formação de professores acontece porque o mesmo possibilita “inicialmente um movimento de investigação sobre o processo de formação e, por outro lado, possibilita, a partir das narrativas autobiográficas, entender os

sentimentos e representações dos atores sociais no seu processo de formação” (RANGHETI , 2005, p. 38).

É evidente que, mesmo que o sentido dessas narrativas expressem a subjetividade inerente à “leitura de uma vida”, a memória se traduz como uma reconstrução social e coletiva, pois é espelho das aprendizagens, vivências e representações da inserção do sujeito em seus diferentes grupos sociais.

As variadas classificações no uso do método biográfico inscrevem-se no âmbito de pesquisas sócio-educacionais como uma possibilidade de, a partir da voz dos sujeitos sociais, recuperar a singularidade das histórias narradas por sujeitos históricos, sócio-culturalmente situados, garantindo aos mesmos o seu papel de construtores da história individual/coletiva intermediada por suas vozes.

Nóvoa (1988, p. 26-27) assinala a relevância da reflexão acerca dos percursos de vida ao afirmar que os cursos de formação necessitam promover uma formação em que os futuros profissionais se assumam como “produtores de sua própria profissão”, sinalizando como princípio de formação “produzir a vida do professor”. Assim, construirão os próprios projetos educativos, como autores e atores de suas ações.

3 Autobiografia: Contribuição para a história e a formação em educação

É importante ressaltar aspectos teóricos relacionados às histórias de vida como campo de pesquisa e como processo pedagógico, que romperam com métodos e modelos estabelecidos de pesquisa, ousando, assim, construir um novo caminho.

As histórias de vida como método de pesquisa¹, embora bastante recente na área das ciências da educação, é uma perspectiva metodológica *que* foi largamente empregada entre os anos 1920 e 1930, pelos sociólogos da Escola de Chicago², animados com a busca de alternativas vinculadas à sociologia positivista.

¹ Segundo Poirier, Clapier-Valladon e Raybaut (1999), a primeira história de vida foi registrada por Flaubert, que considerava importante registrar as experiências dos anônimos de forma digna, como objeto de estudo.

² A expressão Escola de Chicago representa um conjunto de teorias e correntes do pensamento de diversas áreas, em diferentes épocas, que ficaram conhecidas por serem discutidas e desenvolvidas em Chicago, cidade norte-americana. Apesar do enfoque sociológico, esta Escola trouxe grandes contribuições para a economia, a arquitetura e urbanismo, a comunicação, dentre outras áreas.

Tal abordagem, enquanto perspectiva metodológica, é registrada no Brasil há pouco mais de quatro décadas, quando surgiu o programa de “História oral” do Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil da Fundação Getúlio Vargas, na década de 70, com o intuito de coletar depoimentos da elite política nacional. Começou a ser utilizada alguns anos depois, na área da educação, como prática de investigação e de formação ou nas pesquisas referentes à vida de educadores, comportando uma diversidade de pesquisas, seja com as memórias, os diários, as biografias educativas e os relatos de formação.

Por meio do método das histórias de vida, é possível redescobrir os caminhos percorridos, assim como os cenários e os fatos vivenciados por uma determinada pessoa, em uma época distinta, encaminhando-nos a uma reflexão sobre a nossa própria atuação, quer pessoal, quer profissional. Segundo Abrahão, “[...] a história de vida é sempre uma ‘construção’, na qual participa o próprio investigador, sendo impossível confundi-la com um mero relato” (2004, p. 9). É uma metodologia que nos possibilita resgatar a memória e reelaborar a identidade individual em um contexto social específico.

Como alguns autores³, compreende-se que existe uma grande diferença no que se refere a um relato de vida e a uma história de vida. Nota-se que o relato se refere a uma narração fiel da vida do indivíduo conforme a pessoa conta, enquanto que a história de vida ultrapassa os limites da narrativa, tornando-se um estudo de caso acerca da vida e obra de uma pessoa ou grupo de pessoas, através dos relatos e de qualquer outro tipo de informações, bem como de documentação que permite o enriquecimento de tal pesquisa.

Baseada nos estudos de Nóvoa (2000), entende-se que as histórias de vida pensam o futuro mais do que mostram o passado, na medida em que, além de revelarem o passado, contribuem para o entendimento do presente e para a construção de um futuro. Também permitem perceber a causalidade dos fatos e fazem repensar as trajetórias para trilhar caminhos diferentes, pautados nos exemplos que deram certo, evitando que sejam percorridos outros, desnecessários ao crescimento pessoal e/ou profissional.

O estudo das histórias de vida e da formação docente evidencia *a pessoa do professor* e ressalta a relevância da subjetividade que ora se constitui na ideia central: no próprio conceito articulador dos questionamentos teóricos vigentes e das propostas que realimentam o estudo do método. Com a centralização dos estudos na pessoa do professor, passou-se a abordar a constituição do trabalho docente, levando-se em conta os diferentes

³ A exemplo dos autores Abrahão (2004); Pineau (1988); Queiroz (1988); Souza (2006); Catani (2003a/b).

aspectos de sua história: pessoal e profissional. Novos conceitos para a compreensão do trabalho docente surgiram com os estudos educacionais e essas novas abordagens de pesquisa passaram a reconhecer o professor como sujeito, trazendo à tona a necessidade de serem investigados os saberes de referência dos professores sobre suas próprias ações e pensamentos. Assim, são eles caracterizados, inclusive, como sujeitos de um saber e de um fazer inerentes a sua profissão.

Segundo Souza (2006), as histórias de vida são utilizadas nas pesquisas na área de educação como forma de investigação-formação, “[...] seja na formação inicial ou continuada de professores/professoras ou em pesquisas centradas nas memórias e autobiografias de professores” (2006, p. 23). Portanto, a análise dos valores e dos princípios de ação que direcionam o percurso dos professores em sua carreira pode trazer novas concepções sobre os fundamentos do trabalho docente, no que se refere ao desvendamento de atitudes e práticas presentes no dia-a-dia das escolas. Desta forma trará contribuições para o trabalho e para a formação de tais profissionais.

A integração das abordagens (auto)biográficas ou histórias de vida no âmbito educativo ganhou relevo como estratégia de alto valor formativo no âmbito das Ciências da Educação e da Formação, a partir das três últimas décadas do século XX, sendo sustentado tal valor por diversos autores, tais como: Dominicé (1998), Josso (2004; 2006), Nóvoa (1995; 2000), Souza (2006), dentre outros.

Pesquisar sobre histórias de vida representa um ato desafiador e instigante. Ao investigar, resgatar, analisar documentos e narrativas, sistematizar e registrar as vivências e a trajetória de uma pessoa ou de um grupo de pessoas em suas individualidades e subjetividades busca-se compreender o singular/plural (JOSSO, 2006) e um conjunto de experiências centradas no conhecimento pedagógico e escolar das aprendizagens experienciais e da formação construídas ao longo da vida.

Isso converge com as ideias apresentadas por Souza (2006), ao afirmar que a pessoa do professor deve ser inserida no centro das discussões do projeto formativo, visto que tal inserção nos oportuniza compreender o percurso profissional docente a partir da análise de sua trajetória pessoal. A identidade pessoal do professor revela-se no âmbito profissional, na medida em que traz à tona marcas das experiências vivenciadas ao longo de sua formação, assim como o ser profissional revela a identidade pessoal do professor. Segundo Nóvoa, “[...] é impossível separar o *eu* profissional do *eu* pessoal” (2000, p. 17). Essa articulação sinaliza e

reforça a atuação docente, na direção de rotinas, estratégias didáticas e hábitos consolidados no cotidiano profissional como indicativos de fragilidades, anseios e perspectivas de formação.

No que se refere à formação do professor, Catani apresenta, como requisito à compreensão de tal processo, uma análise da história da educação brasileira, partindo da compreensão dos “[...] modos pelos quais são ‘fabricadas’ as identidades cabíveis aos profissionais da educação” (2006, p. 80), que explicitam a formação, os saberes e o trabalho desse profissional. O professor depara-se com cenário inadequado para o exercício da sua profissão, péssimas condições de trabalho, carga horária exaustiva, salários defasados e formação inadequada, fatos que confirmam o descaso com a educação. A falta de formação ou a formação inadequada dos educadores é apontada, inclusive, como fator preponderante da crise educacional.

Nesta perspectiva, Josso (2004, p. 58) nos aponta que as histórias de vida têm o poder de transformar “[...] a vida socioculturalmente programada numa obra inédita a construir”. Assim sendo, estas podem se tornar um excelente instrumento na formação e autoformação, visto que o sujeito vai tomando consciência dos itinerários escolhidos e traçando novos caminhos a partir de escolhas mais conscientes.

Ao rememorar algumas histórias de vida no decorrer do tempo, observa-se que são histórias que sempre tiveram um papel formador, considerando que representam, muitas vezes, modelos de mudanças paradigmáticas, como pontua Nóvoa:

[...] De facto, a qualidade heurística destas abordagens, bem como as perspectivas de mudança de que são portadoras, residem em grande medida na possibilidade de conjugar diversos olhares disciplinares, de construir uma compreensão multifacetada e de produzir um conhecimento que se situa na encruzilhada de vários saberes (NÓVOA, 2000, p. 20).

A abordagem autobiográfica assume um caráter inovador de tomada de decisões, no momento em que oferece ao pesquisador um leque variado de possibilidades de categorizar e organizar sua pesquisa, tomando por base os seus objetivos e as dimensões a que submeterá tal investigação. Mostra, a exemplo do estudo da pessoa do professor, a sua prática pedagógica, os ciclos de vida profissional, a sua concepção de educação e as suas realizações educacionais.

De acordo com Souza (2006), o trabalho centrado na abordagem autobiográfica é relevante, dentre outros aspectos, porque não se ocupa em teorizar sobre a prática, mas em estabelecer uma vinculação dialética entre teoria e prática, o que possibilita ao sujeito uma tomada de consciência de si, de suas aprendizagens e fragilidades, promovendo o autoconhecimento. Ressaltamos que ela é, também, particularmente, importante como um método de pesquisa, por permitir que as entrevistas, as histórias de vida e os diálogos se constituam em documentos de pesquisa.

A abordagem autobiográfica passa a ser considerada, simultaneamente, um meio de investigação e um instrumento pedagógico e é, justamente, esta dupla função que justifica a sua utilização no domínio das ciências da educação. Como forma de investigação, serve para retratar um recorte histórico ou uma época vivenciada pelo investigado, além de contribuir como um objeto para a formação de educadores. Por conseguinte, é um instrumento valioso para que esses educadores em formação aprendam a construir sua própria história, com base nas histórias vividas por outros, pois tem a função de resgatar a memória de vida daqueles que pensaram a educação. Também pode ser utilizada como referência para questionamento da nossa própria história, enquanto agente mediador, além de ajudar a divulgar histórias anônimas que servem como referencial profissional e/ou pessoal.

Outro aspecto importante da abordagem autobiográfica é a demonstração de que os estudos sobre histórias de vida são importantes para o desenvolvimento de pesquisas que busquem identificar e analisar os saberes docentes. A intenção é contribuir para a ampliação do campo educacional e, principalmente, para a implementação de políticas que envolvam a questão da formação do professor, a partir da ótica dos próprios sujeitos envolvidos. Dessa forma, pensar na formação do educador envolve a capacidade para lidar com o conflito resultante do confronto entre os saberes diversificados dos diferentes grupos sociais presentes na educação e aquele saber sistematizado constante em um determinado momento histórico-social da educação.

As pesquisas de Souza (2006) e Souza e Abrahão (2006) consideram as autobiografias como fontes históricas de grande relevância na área educacional, o que possibilita considerar em que contexto elas foram produzidas e qual a relação estabelecida entre a narrativa e o projeto de pesquisa a que se referem. Nesta instância, a utilização das histórias de vida desencadeia importantes embates teóricos no decorrer de sua evolução,

travando uma luta sucessiva pelo reconhecimento de seu caráter científico, enquanto método autônomo de investigação.

Por ser mais uma alternativa de mediação entre as histórias individuais e sociais, pessoais e profissionais, o interesse na utilização de tal método é crescente nas últimas décadas. Tanto que existe uma variedade de publicações e de estudos sobre a abordagem autobiográfica sobre a vida de educadores⁴, carreiras e trajetórias de formação, com base na utilização de suas histórias de vida. Tal fato mostra o significativo valor desse método de pesquisa, pois ele proporciona ao pesquisador a recolocação dos indivíduos como pauta principal nas discussões sobre as pesquisas educacionais⁵ e a reflexão sobre as próprias escolhas feitas no decorrer da vida. Afinal, o ser humano é composto dessas dimensões e as pesquisas em educação não podem simplesmente fechar os olhos e não revelar o maior número possível de contribuições que possa enriquecê-las.

Na pesquisa biográfica, o sujeito em formação tem a oportunidade de conhecer e analisar as situações vividas e, por conseguinte, compreender a si mesmo como um ser em formação que sofre influências sociais, econômicas, políticas, religiosas, culturais e educacionais presentes no percurso da própria existência. Isso revela o profissional que é e que deseja ser, possibilita o conhecimento da própria historicidade e dá maior sentido às experiências vividas para, assim, ressignificar cada passo dado.

4 Considerações finais

O interesse em abordar a história de vida e a formação de professores é mobilizado pelo reconhecimento de que não é possível escrever a história da educação sem passar por aqueles que a fizeram e a pensaram. Assim, tornam-se relevantes as reflexões de Ranghetti (2005), colocando que a maior parte dessas iniciativas esteve ligada à história de instituições e não especificamente a personagens importantes de nosso passado.

⁴ A exemplo de Josso (2004, 2006), Catani, Bueno e Sousa (2003), Demartini (2006), Nóvoa (1995, 2000, 2001), Catani (2005) e Souza (2003, 2006, 2008), sendo que este último desenvolve um importante trabalho acerca do estágio supervisionado e das narrativas de formação de professores, tendo como foco as implicações e a fertilidade dessas narrativas, numa perspectiva epistemológica da abordagem biográfica.

⁵ Para aprofundamento do tema, consultar as obras de Souza (2006), Nóvoa (1995, 2000), Josso (2004, 2006), Queiroz (1988), Vieira (1999) e Abrahão (2004), que trazem inúmeras contribuições aos estudos sobre histórias de vida e pesquisas educacionais.

A despeito do relativo avanço, ainda existem muitas instituições e personalidades a serem estudadas, o que sem dúvida poderia contribuir para tornar múltipla nossa compreensão acerca do percurso histórico da Educação.

Pode-se constatar que, em linhas gerais, o método das histórias de vida possibilita inicialmente um movimento de investigação sobre o processo de formação e, por outro lado, possibilita entender os sentimentos e representações dos indivíduos no seu processo de formação.

O exercício de (re)olhar-se na tentativa de retomar o fio condutor que “teceu e tece a trama do próprio mundo vivido” (SOUZA, 2008), possibilita rever-se e ver-se num cenário de formação – contínua –, e filtrar, das experiências vividas, das construções e desconstruções, o movimento da formação; e isto nos desafia a questionar o sentido que o indivíduo, em especial o indivíduo professor – pois a ação de ensinar suscita uma aprendizagem permanente –, atribui à formação profissional.

Daí a importância do uso do método do estudo das histórias de vida, permitindo o rompimento da pesquisa, principalmente no âmbito educacional, com uma metodologia que trata o indivíduo como exemplar de uma espécie, ou como produto de uma lei, ou de um princípio de comportamento.

A abordagem das histórias de vida torna-se, portanto, relevante como uma alternativa de autoformação, na medida em que cria um espaço para que as pessoas envolvidas possam não só lembrar, mas, principalmente, refletir sobre as suas práticas e percurso de vida. Ademais, a escuta sobre a história de um trata-se também sobre a história de todos.

Referências

ABRAHÃO, M. H. M. B. (Org). **História e histórias de vida: destacados educadores fazem a história da educação rio-grandense**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2004.

ALVES, R. **Conversas com quem gosta de ensinar**. São Paulo: Papyrus, 2000.

ARTIÈRES, P. Arquivar a própria vida. **Revista Estudos Históricos**. Rio de Janeiro, v. 11, n.21, p.9-34, jul. 1988. ISSN 2178-1494 Disponível em: < <http://bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/reh/article/view/2061/1200>>. Acesso em 30 jun. 2016.

CATANI, D. B. A autobiografia como saber e a educação como invenção de si. In: SOUZA, E. C.; ABRAHÃO, M. H. M. B. (Orgs.). **Tempos, Narrativas e ficções: a invenção de si**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2006, p. 77-87.

CATANI, D. B.. As leituras da própria vida e a escrita de experiências de formação. In: **Revista da FAEEDBA** – Educação e contemporaneidade, Salvador, v. 14, n. 24, p. 31- 40, jul/dez 2005.

CATANI, D. B. Práticas de formação e ofício docente. In: CATANI, D. B.; BUENO, B. O.; SOUSA, C. P. (Orgs.). **A Vida e o ofício dos professores: formação contínua, autobiografia e pesquisa em colaboração**. 4. ed. São Paulo: Escrituras Editora, 2003, p. 21-29.

CATANI, D. B.; BUENO, B. O.; SOUSA, C. P.; SOUZA, M. C. C. (Orgs.). **Docência, memória e gênero: estudos sobre formação**. 4. ed. São Paulo: Escrituras Editora, 2003.

DEMARTINI, Z. B. F. Memórias que interrogam: formação e atuação docente. In: SOUZA, E. C.; ABRAHÃO, M. H. M. B. (Orgs.). **Tempos, Narrativas e ficções: a invenção de si**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2006, p. 279-296.

DOMINICÉ, P.. A biografia educativa: instrumento de investigação para a educação de adultos. In: NÓVOA; FINGER (org.). **O método (auto)biográfico e a formação**. Cadernos de formação. Departamento de recursos humanos da saúde. Centro de formação e aperfeiçoamento profissional. Lisboa, 1988, p. p. 143-153.

FÁVERO, M. L.; A. BRITO, Jader M. Memória e escritos de um educador. IN: **Práticas de memória docente**. MIGNOT, Ana e CUNHA, Maria T. (orgs.). Coleção cultura, memória e currículo; v. 3. São Paulo: CORTEZ, 2003.

FERRAROTTI, F.. Sobre a autonomia do método biográfico. In: NÓVOA, A. (org.). **O método (auto) biográfico e a formação**. Cadernos de formação. Departamento de recursos humanos da saúde. Centro de formação e aperfeiçoamento profissional. Lisboa, 1988, p. 17-34.

FINGER, M.. As implicações sócio-epistemológicas do método biográfico. In: NÓVOA, A. (org.). **O método (auto) biográfico e a formação**. Cadernos de formação. Departamento de recursos humanos da saúde. Centro de formação e aperfeiçoamento profissional. Lisboa, 1988, p. 79-86.

JOSSO, M. C. **Experiências de vida e formação**. São Paulo: Cortez, 2004.

JOSSO, M. C. Os relatos de histórias de vida como desvelamento dos desafios existenciais da formação e do conhecimento: destinos sócio-culturais e projetos de vida programados na invenção de si. In.: SOUZA, E. C.; ABRAHÃO, M. H. M. B. (Orgs.). **Tempos, Narrativas e ficções: a invenção de si**. Porto Alegre: EDIPUCRS; Salvador: EDUNEB, 2006, p. 21-40.

NÓVOA, A. A formação tem de passar por aqui: as histórias de vida no projeto prosalus. In: NÓVOA, A. (org.). **O método (auto) biográfico e a formação**. Cadernos de formação. Departamento de recursos humanos da saúde. Centro de formação e aperfeiçoamento profissional. Lisboa, 1988, p. 107-130.

NÓVOA, A.. Prefácio. In: ABRAHÃO, M. H. M. B. (Org). **História e histórias de vida: destacados educadores fazem a história da educação riograndense**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2001, p. 7-12.

NÓVOA, A. **Vidas de professores**. 2. ed. Porto: Porto Editora, 2000.

NÓVOA, A.; CAVACO, M. H.; HAMELINE, D. **Profissão Professor**. Porto: Porto, 1995.

PINEAU, G. A autoformação no decurso da vida: entre a hetero e a ecoformação. In: NÓVOA, A.; FINGER, M. (Orgs.) **O método (auto)biográfico e a formação**. Lisboa: Ministério da Saúde. Departamento de Recursos Humanos da Saúde. Centro de Formação e Aperfeiçoamento Profissional. Lisboa, 1988, p. 63-77.

POIRIER, J.; CLAPIER-VALLADON, S.; RAYBAULT, P. **Histórias de vida: Teoria e prática**. 2. ed. Oeiras: Celta editora, 1999.

QUEIROZ, M. I. P. Relatos orais: do indivizível ao divizível. In: SIMPSON, O. M. V. (Org.). **Experimentos com histórias de vida** (ItáliaBrasil). São Paulo: Vértice, 1988, p. 14-43.

RANGHETTI, D. S. **A pesquisa auto-biográfica como espaço de reflexão e ressignificação da ação docente**. Retirado do site <www.presidentekennedy.br/rece/trabalhos-num3/artigo10.pdf>. Acesso em 14 ago. 2005.

SOUZA, E. C. Memoriais autobiográficos, profissionalização docente e identidade: histórias de vida e formação na pós-graduação. In: PASSEGGI, M. C.; BARBOSA, T. M. N. (Orgs.). **Memórias, memoriais: Pesquisa e formação docente**. Natal, Rio Grande do Norte: EDUFRN; São Paulo: Paulus, 2008, p. 119-134 (Pesquisa (auto)biográfica & Educação).

SOUZA, E. C. História de vida e práticas de formação: escrita de si e cotidiano escolar. História de vida e formação de professores. **Salto para o Futuro**. Boletim 01 mar. 2007. p. 03-07 ISSN: 1982-0283

SOUZA, E. C. A arte de contar e trocar experiências: reflexões teórico-metodológicas sobre história de vida em formação. **Revista Educação em Questão**, Natal, v. 25, n.11, p. 22-39, jan./abr 2006.

SOUZA, E. C.; ABRAHÃO, M. H. M. B. (Orgs.). **Tempos, narrativas e ficções: a invenção de si**. Porto Alegre: EDIPUCRS. Salvador: EDUNEB, 2006.

SOUZA, E. C. História de vida e formação de professores: um olhar sobre a singularidade das narrativas (auto)biográficas. In: MACEDO, R. S.; SILVA, G. M.; TORRES, M. M. (Orgs.). **Currículo e docência: tensões contemporâneas, interfaces pós-formais**. Salvador: UNEB, 2003, p. 35-56.

THOMPSON, P. A memória e o eu. In: **A voz do passado: história oral**. 2 ed. Tradução de Lólio Lourenço de Oliveira. Rio de Janeiro: paz e terra, 1998, p. 197-216.

VIEIRA, R. **História de Vida e Identidade**. Professores e interculturalidade. Porto: Afrontamento, 1999. (Coleção Biblioteca das Ciências do Homem).

Soares, L. C. F.; Menezes, C. M. A.; Freire, J. L. O.

Recebido em: 10/10/2015

Revisado em: 22/07/2016

Aprovado para publicação em: 31/08/2016

Publicado em: 20/12/2016